

# O BENZIMENTO COMO CULTURA POPULAR: UMA ABORDAGEM SOBRE O TERRITÓRIO DAS BENZEDEIRAS DO POVOADO KM 17 EM CODÓ-MA<sup>1</sup>

Poliana dos Santos de Carvalho<sup>2</sup>  
Alex da Silva Pereira<sup>3</sup>

## RESUMO

O trabalho tem como objetivo compreender a prática espacial dos benzimentos como manifestação cultural do território das (os) benzedeadas (ores) do Povoado Km 17 em Codó, Maranhão. O benzimento faz parte da cultura popular de um povo e essa prática espacial de ofícios das benzedeadas está arraigada na sociedade desde o período colonial, mesmo com o processo de modernização, até os dias atuais permanece (re[s])existindo e ocupando, organizando e reorganizando o espaço e o território de muitas localidades, a exemplo do povoado Km 17, localizado no município de Codó-Ma. Benzer é um ato de bondade e fé que traz cura para doenças consideradas não diagnosticadas pela medicina tradicional, as doenças de benzedeadas como: quebranto, mau-olhado, sol na cabeça, ventre virado, etc. Ressalta-se a importância deste trabalho para contribuir com a Geografia Cultural, cultura popular dos benzimentos no Maranhão.

**Palavras-chave:** Benzimentos, Cultura popular, Cura, Povoado Km 17, Codó/MA.

## ABSTRACT

The aim of the work is to understand the spatial practice of blessings as a cultural manifestation of the territory of the healers of Povoado Km 17 in Codó, Maranhão. Blessing is part of the popular culture of a people and this spatial practice of faith healers' crafts has been ingrained in society since the colonial period, even with the modernization process, until today it remains (re[s]) existing and occupying, organizing and reorganizing the space and territory of many locations, such as the Settlement Km 17, located in the municipality of Codó-Ma. Benzer is an act of kindness and faith that brings healing to illnesses considered undiagnosed by traditional medicine, the illnesses of healers such as: brokenness, evil eye, sun on the head, upset belly, etc. The importance of this work to contribute to Cultural Geography, popular culture of faith healers in Maranhão, is highlighted .

**Keywords:** Blessings, Popular culture, Healing, Km 17 Settlement, Codó, Maranhão.

## INTRODUÇÃO

A expressão cultura popular apresenta definição ampla em todas as ramificações das ciências. Entende-se que a cultura popular está relacionada com todas as expressões culturais

<sup>1</sup> Este artigo é parte da dissertação de mestrado, realizado no programa de Pós-Graduação Geografia, Natureza e Dinâmica do espaço da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, desenvolvida com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA.

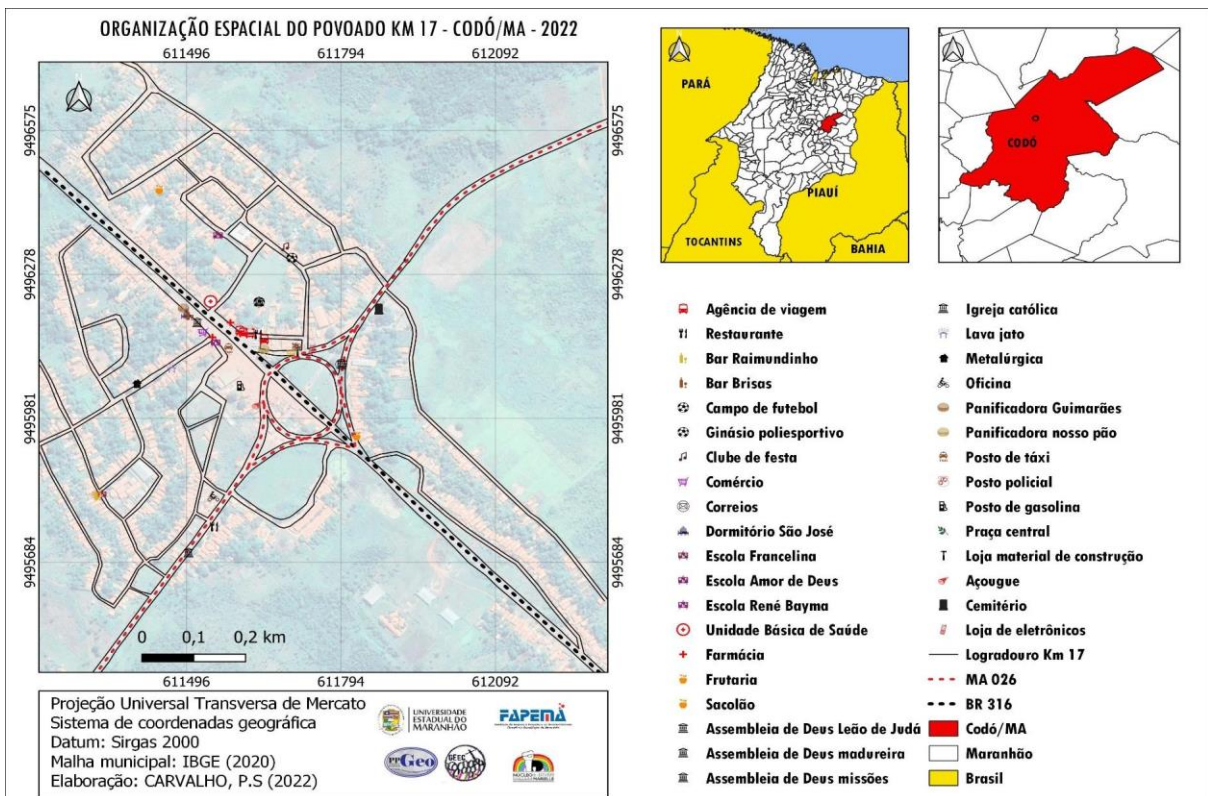
<sup>2</sup> Professora de Geografia do Instituto Federal do Maranhão – Campus Imperatriz, poli.geo94@gmail.com;

<sup>3</sup> Mestre em Geografia pelo programa de Pós-Graduação Geografia, Natureza e Dinâmica do espaço da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, a1991pereira@gmail.com.

produzidas pelo povo, e que, de certo, essas são ativadas por meio das danças, crenças, saber-fazer, músicas, festas, literaturas, e artes gerais. O Brasil é um país multicultural, caracterizado por várias etnias. Essa diversidade cultural, pois, contribui para a construção da identidade do povo brasileiro.

Toda e qualquer sociedade têm sua própria cultura, ou seja, suas próprias tradições, costumes, crenças, hábitos, artes, transmitido de geração a geração, assim essa cultura “tem suas raízes em um passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram” (CLAVAL, 2007, p.63). A exemplo o saber-fazer ancestral dos benzimentos encarnado no povoado Km 17/MA (Figura 1), campo empírico desta pesquisa, localizado aproximadamente a 282 km de distância da capital São Luís, Maranhão, zona rural do município de Codó/MA.

**Figura 1** - Mapa de organização espacial do povoado Km 17



Fonte: Carvalho, 2023.

Cabe ressaltar que o presente artigo é resultado de algumas inquietações pessoais enquanto estudante de geografia, aguçadas, sobretudo na trajetória acadêmica, por meio do mestrado inicia-se a pesquisa a respeito das práticas de benzimentos no povoado Km 17. O universo do benzimento está presente na minha vida desde a infância, por fazer parte de uma família na qual, algumas mulheres têm o ofício de benzer e ter crescido em um lugar em que

essa cultura popular está muito presente. Sendo assim, o trabalho tem como objetivo compreender a prática espacial dos benzimentos como manifestação cultural do território das (os) benzedeadas (ores) do Povoado Km 17 em Codó, Maranhão

## **METODOLOGIA**

Do ponto de vista metodológico, realizou-se o levantamento bibliográfico, o qual “trata-se de uma seleção de obras e de autores que vinculados à temática da pesquisa e ao objeto teoricamente recortado” (HISSA, 2017, p. 100). Os trabalhos investigados não abrangem apenas a Geografia, amplia-se para outras ciências, que possibilitam diferentes visões da temática.

Com a visita intencional ao mundo (HISSA, 2017), foi utilizado a observação participante nas casas de benzimentos para melhor entendimento da cultura de cura por meio da fé, pois “quando o outro se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura. Quando o outro me transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história” (BRANDÃO 1985, p. 11).

Como componente do trabalho de campo, para além da observação, utilizou-se o recurso da entrevista. Para Hissa (2017, p.131-132), as “entrevistas deveriam ser compreendidas como diálogos feitos com sujeitos do mundo” em que esses sujeitos não serão “objetos passivos, mas participantes ativos da pesquisa”. Essas entrevistas iniciaram em novembro de 2021, perpassando os anos de 2022, com as benzedeadas Gorete Silva, Creumar Romeiro e Nonata Romeiro e com alguns benzedores Thiago Sousa, Antônio Francisco e Francisco de Jesus, para compreensão das suas práticas de cura junto ao povoado Km 17.

## **A CULTURA POPULAR DOS BENZIMENTOS**

A busca do ser humano pela cura de males físicos e espirituais é incessante. Existe em todo caso, uma variada gama de possibilidades. “Seja de maneira singular ou em contraposição ou em complemento às práticas da medicina científica ocidentalizada, há alternativas que remontam a outras épocas e espacialidades” (CLARINDO, 2019, p.17). Não obstante aos avanços tecnológicos da medicina convencional ou científica, ainda é comum em diversas regiões, como norte e nordeste do país, a prática milenar de cura através de rezas benzimento, com espessuras de fé e pedidos de proteção.

Neste contexto, inserem-se rezadores, erveiros, benzedores e benzedoiras, estes como especialistas, que mantêm através de suas fórmulas e simbolismo nas rezas segredos dos vários usos acerca das plantas, tanto para fins medicinais na busca da cura de doenças do corpo, como para “banhos” visando a cura de “doenças da alma”. Ressalta-se, aqui, que corpo e alma são ressignificados em universo plural, holístico, cósmico (MACIEL; GUARIM NETO, 2006, p. 64).

Os benzedores estão presentes na sociedade trazendo esperança aos que procuram cura e alívio de doenças. Destaca-se que esses homens e mulheres vêm (re)existindo ao longo do tempo e ocupam alguns territórios de maneira pouco densa. A prática de benzimento é ancestral, sendo conhecida em distintas culturas, haja vista que os benzedores e benzedoiras são detentores de um saber-fazer místico e cumprem um papel social fundamental. Ademais, carregam consigo a identidade da prática e do território onde trabalham e habitam (GOMES; PEREIRA, 1989). Destacando esse ofício milenar, segundo Quintana (1999, p.50):

A benzedura pode ser caracterizada como uma atividade principalmente terapêutica, a qual se realiza através de uma relação dual – “cliente” e benzedor. Nessa relação, a benzedora ou benzedor exerce um papel de intermediação com o sagrado pela qual se tenta obter a cura, e essa prática terapêutica tem como processo principal, embora não exclusivo, o uso de algum tipo de prece.

Santos (2007); Oliveira (1985) afirmam que a prática social dos benzimentos tem origem na Europa. Já Souza (1986) ressalta que o ato de benzer já era comum desde a Idade Média, mas que naquela época os rituais de cura eram realizados principalmente em animais. Del Priore (1997), por sua vez, afirma que desde a antiguidade já se tinha ocorrência de mulheres que, através de fórmulas gestuais e orais, restabeleciam a saúde das pessoas acometidas por males desconhecidos.

Segundo Cunha (2018), no Brasil é difícil demarcar um período que diga do surgimento dos benzimentos, porém, estima-se que desde a era colonial já se tinha ocorrência dessas práticas. Em tal sociedade existiam mulheres detentoras de profundo conhecimento empírico acerca das propriedades das ervas medicinais plantadas em seus quintais. Então, com a falta de médico, os consulentes as buscavam a fim de abrandar as enfermidades das pessoas.

Apesar de não haver relatos precisos sobre o surgimento da prática no Brasil, porém, há conhecimento de rituais realizados por comunidades indígenas, nos quais os pajés realizavam uma espécie de benzimento a fim de invocar os sagrados da floresta. Outro fato histórico a ser acrescido é a influência sofrida com a vinda dos colonizadores para o Brasil, pois trouxeram suas especificidades religiosas aos nativos. Outra contribuição foi dos escravizados, com religiões de matrizes africanas no decorrer do período colonial (PIMENTEL; GOMES, 2021). Como fatores que levaram ao surgimento dessa prática, Del Priore (2001, p. 82) acrescenta:

Somam-se outros fatores, como a extensão territorial da colônia, a falta de lucratividade da profissão, a péssima fiscalização do exercício profissional e do comércio das drogas medicinais, as lamentáveis condições sanitárias e hospitalares, e compreende-se por que mulheres detentoras de um saberfazer autêntico sobre doenças e curas tomaram a frente nos tratamentos capazes de retirá-las e suas famílias das mãos da medicina que não se mostrava competente para curar mazelas e doenças de qualquer tipo.

Retornando ao período do Brasil Colônia, faz-se necessário uma análise desses agentes de cura e fé envolvidos nessa época, a fim de saber a respeito dos seus processos de convivência como os demais grupos constituidores da sociedade. De acordo com Pereira (2016), esse período pode ser assemelhado ao que ocorreu na Idade Média com a “caça às bruxas”, dado um intenso processo de perseguição e discriminações. As mulheres que lidavam com o saber popular de conhecimento das ervas medicinais para o tratamento de doenças eram estigmatizadas como bruxas por uma tríade de compreensões constituída por médicos, europeus e Igreja Católica, que viam essas práticas como atos demoníacos, e, assim, ventilavam tal mensagem ao mundo.

Ainda nos debruçando sobre as ideias de Pereira (2016), entendemos que tentar oprimir essas mulheres, persegui-las, menosprezar seus conhecimentos, acarretava conflitos no âmbito cultural e religioso. Para a autora, o resultado dos atos supracitados suscitou uma espécie de falsa superioridade de saberes de determinados grupos frente às práticas populares, o que sempre veio carregado do sentimento de desconfiança e desprezo.

Nesse contexto, é perceptível que a história social dos indivíduos praticantes da cura, situando daí as benzedeadas e benzedores, se deu, e ainda se dá, numa conjuntura de muita resistência, ao mesmo tempo de reafirmação das suas identidades populares e religiosas. Mesmo com perseguições e descrédito, a cultura popular dos benzimentos, praticada com o intuito de ajudar a todos que os procuram em busca de conselhos, indicação de remédios, proteção e cura, tem nos seus territórios uma plataforma que assegura a preservação de tal saber ancestral, a exemplo do que vemos no povoado Km 17.

## **A CULTURA DOS BENZIMENTOS NO POVOADO KM 17 – CODÓ/MA**

Apesar de todo o processo de modernização instaurado de forma global (ainda que desigual), as benzedeadas estão presentes na sociedade trazendo esperança aos que procuram a cura para os males físicos e espirituais. Destaca-se que essas mulheres vêm reexistindo ao longo do tempo, e ocupam alguns territórios de forma mais intensa e outros menos intensa. Recorrer as benzedeadas está intrinsecamente ligado a fé, identidade cultural e crença. Acreditar que a

cura de uma enfermidade vai além de remédios e tratamentos avançados, impulsiona os indivíduos a buscarem ajuda nos benzimentos. Algumas doenças não diagnosticadas pela medicina tradicional, “as doenças de benzedeadas” (SANTOS, 2007), são curadas por esses agentes através das benzeduras, aqui compreendidas como aquelas doenças “cuja concepção e diagnóstico acabam por ser definidos e elaborados pelas próprias rezadeiras” (SANTOS, 2007, p.77).

Acredita-se na existência de enfermidades fora do alcance de cura da medicina tradicional, de tal forma que somente as (os) benzedeadas (ores) seriam capazes de curar tais malefícios que atingem não somente a esfera física, mas a psicológica e espiritual (SANTOS, 2007). Essa concepção de cura é que cria e sustenta o território cultural dos benzimentos no povoado km 17, pois “é pela existência de uma cultura que cria um território e é por ele que fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço” (BONNEMAISON, 2012, p.288).

À vista disso, os intercessores da cura sabem os males que necessitam de benzadas e os que há necessidade de procurar uma unidade de saúde para avaliação médica. Destarte,

As perturbações/enfermidades/problemas que exigem o trabalho destas mulheres não constam do rol da medicina científica. As benzedeadas alegam que existem “doenças de médicos” e “doenças de benzedeadas”. Essas doenças das quais se ocupam são mais do que conjuntos de sintomas e de sinais físicos. Elas se caracterizam por possuírem uma série de significados simbólicos – psicológicos, sociais e morais – para os membros de grupos sociais específicos. As doenças curadas pelas benzedeadas se configuram como perturbações que atingem não apenas o corpo, a esfera física, mas estão relacionadas à questões sociais, psicológicas e/ou espirituais que afetam a vida cotidiana como um todo (CUNHA; ASSUNÇÃO, 2017, p.15).

Neste contexto de discussão, destaca-se algumas das doenças mais recorrentemente tratadas pelos seis agentes de cura participantes desta pesquisa: quebranto, ventre virado, sol na cabeça, e arca caída. Mas ainda existe mau-olhado, cobreiro, dentre outras doenças. O quebranto, mas popularmente conhecida na zona rural como quebrante, é a doença que lidera as buscas pelas práticas de benzimento no km 17. Segundo a benzedeadas Creumar, o “quebrante ocorre mais em crianças, principalmente as bem novinhas”. Os principais sintomas desse mal são a perda de apetite, alto grau de sonolência, bocejões, choro excessivo e olhos lacrimejando.

Essa doença acontece devido ao ato de admirar, sentir fascínio, elogiar. Perguntando ao benzedeadas Francisco de Jesus como é o processo que acarreta essa doença de benzedeadas, ele enfatizou o seguinte: “as pessoas ficam achando a criança bonita, fica admirando, olhando demais e aí coloca esse male. Já benzi demais disso”. Conforme Maués (1997, p. 34), quebranto é “causado pela ‘admiração’ e atinge apenas crianças de pouca idade; resulta da formulação de elogios à beleza ou à saúde do pequeno ser, sem que eles sejam acompanhados da expressão



Na zona rural, quando se está com um bebê sendo levantado é comum que se escute: “cuidado, não vai virar o vento dessa criança”. Assim como o quebranto, o ventre virado é uma doença que ocorre com maior frequência em crianças. Na crença popular, esse mal se manifesta quando a criança sofre algum tipo de susto inesperado e ao ser erguida por um adulto acima de sua cabeça. A benzedeira Creumar, em sua fala a respeito da doença, nos disse: “com criança pequena, tem que ter muito cuidado, não pode tomar susto, não pode adulto levantar ela muito lá em cima não, isso mexe logo com o bucho e adoce de vento virado [sic.]”

Outra doença de benzedeira é o sol na cabeça faz alusão à dor na cabeça. É uma espécie de dor que não finda ao tomar remédios de farmácia. Na cultura dos benzimentos acredita-se que o principal causador das dores de cabeça seja o sol. Dessa maneira, é preciso que se recorra aos benzimentos (Figuras 2) para que se tire o sol da cabeça, assim, cesse a dor. Na realização da benzeção, utiliza-se uma garrafa de vidro transparente, uma toalha branca e água.

**Figura 1** – Ritual de retirada de sol



**Fonte:** Carvalho, 2022.

O intercessor da cura coloca a água dentro da garrafa, sobrepõe a toalha na cabeça da pessoa acometida pela dor, a garrafa logo acima e começa o benzimento. Nesse momento a água vai se movimentando e borbulhando de modo muito rápido, acontecendo daí a cura.

Já a arca caída também conhecido como espinhela caída é uma doença causada por excesso de esforço físico. Segundo a medicina convencional, a espinhela “é um osso pequeno, flexível, parecendo um nervo, que se encontra no meio do peito, entre o coração e o estômago, e que pode envergar para dentro” (ALMEIDA, 2013, p.4). Conforme a benzedeira Nonata, a arca cai da seguinte maneira: “a pessoa pega peso demais e acaba derrubando a arca, com quem trabalha na roça é o que mais acontece. Acontece muito também com as quebradeiras de coco babaçu, elas carregam o cofo<sup>4</sup> muito pesado [sic.]”.

A pessoa acometida pela situação da arca caída, começa a sentir dores e ardência no peitoral, na clavícula e indisposição. Segundo a crença popular sua cura só acontece através de benzimento. Ao chegar nas casas de crença em busca do benzimento, primeiro é preciso saber se realmente a arca está caída, e de acordo com a benzedeira Nonata “é bem fácil descobrir se a pessoa tá com esse mal mesmo [sic.]”.

Para diagnosticar a doença o benzedor não utiliza reza. Conforme foi evidenciado no depoimento do benzedor Thiago, “a gente pega um cordão, pode ser qualquer cordão e mede do dedo mindinho até o cotovelo, depois pega esse tamanho que deu e mede de um ombro a outro, se sobrar pedaço de cordão é porque a pessoa tá com a arca caída [sic.]”. Estar enfermo com arca caída se assemelha a um processo de compressão do nervo devido a se ter realizado uma atividade para além de sua capacidade física. Ao passar pelo benzimento o nervo volta ao normal e os sintomas desaparecem. Estas são algumas das “doenças de benzedeiros” curadas no povoado por meio dos atos de benzimentos.

As benzedeiros (ores) do povoado Km 17, têm como missão ajudar a comunidade com seu *dom* de cura. Quem recebe a missão do benzimento não pode utilizar seus dons em troca de favores, tampouco para fins lucrativos. Deve fazê-los como ato de bondade, gratidão e retribuição por tê-lo recebido.

Os benzedores e as benzedeiros não podem receber uma remuneração por sua ação. Baseando seu discurso na ideia de que deve-se dar de graça o que de graça se recebe, aceitam apenas agrados, como gestos de gratidão pelo bem que se fez. Aceitar pagamento é renegar o dom que foi dado, ou seja, a graça divina. (MOURA, 2011, p. 347).

A benzedeira Creumar confirma: “benzer é um dom que a gente carrega, não pode

---

<sup>4</sup> Espécie de cesto confeccionado com palha da palmeira de babaçu usado para transportar variados tipos de objetos. Na zona rural é muito utilizado pelas quebradeiras de coco babaçu para o transporte da amêndoa.



co-brar pra fazer o bem” [sic.]. Já a benzedeira Gorete infere: “não pode cobrar isso é de Deus, eu tenho fé, ele é que cura. Tem gente que pergunta quanto que é pra benzer, eu digo que nada só que depois de ficar bom traz santos, velas, alimentos como agrado, só que dinheiro não pode [sic.].” Esses agrados “representam pequenas contribuições para o sustento dos agentes da benção, uma vez que vivem de suas próprias rendas” (MOURA, 2011, p. 347).

No povoado Km 17, os benzimentos são realizados nas casas das benzedeiros, esses espaços consagrados são compostos por imagens e estátuas de santos distribuídos pelas paredes ou em altar, características marcantes do geossímbolo “definido como um lugar, um itinerário, uma extensão que, por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (BONNEMAISON, 2002, p. 109).

O objeto sagrado utilizado para benzer, dependerá de qual doença a pessoa está acometida, podendo ser velas, ervas, terço, entre outros objetos, acompanhados de um processo de gesticulação, a esse respeito “os gestos por exemplo, perfazem um conteúdo simbólico vasto. É por onde a espiritualidade ganha formatação física, através dos movimentos das mãos das benzedeiros” (CLARINDO, 2019, p. 90).

Ainda notou-se a relação desses agentes da cura com a natureza, cultivam ervas medicinais utilizadas durante no ato de benzer, que servem também para fazer chás, garrafadas, remédios naturais para o combate de enfermidades. Esse grupo social possui significativa importância para o povoado Km 17, utilizam a fé e o dom para fazer benfeitorias a todos que as procuram sem fazer distinção, ainda assim, são mal vistas, vítimas de um preconceito estrutural.

As benzedeiros e benzedores desempenham um papel essencial que por meio de seus conhecimentos religiosos, contribuem para a saúde e a promoção da fé no povoado Km 17, dessa forma, “as benzedeiros são profundas conhecedoras da vida cotidiana e dos problemas que envolvem o bairro, a cidade, a vida em sociedade de um modo geral – elas vivem a realidade local” (CLARINDO 2019, p.43). E mesmo com as mais diversas opiniões e julgamentos, preconceitos por associar os atos de benzimentos as religiões de matriz africana, esses agentes de intermediação da cura (re)existem e mostram que o conhecimento popular faz parte da identidade simbólica de um povo

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, compreende-se que esse grupo social praticante do ofício de benzimento que cura os males os quais afetam o corpo e a alma tem sua importância histórica até a contemporaneidade. É oportuno dizer que essas benzedoras e benzedores que habitam o povoado Km 17 são pessoas de muita fé e bondade, são detentoras de um saber-fazer tradicional da cultura popular como: rezas e remédios naturais. Estudar esses agentes é de grande relevância para quebrar paradigmas socialmente impostos, bem como disseminar conhecimento sobre seus ofícios, seu território, sua interação com sociedade, suas percepções e espaço vivido.

As benzedoras e benzedores são agentes que mantêm estreita relação com a natureza, manipulam ervas e, por meio de dom, fazem emanar curas, o que gera incompreensão cultural por parte de alguns sujeitos. Cultura transmitida de geração a geração, percebida nos trabalhos de campo que as incompreensões acerca dos benzimentos também são nutridas no seio de determinadas religiões. Por fim, é importante que sejam valorizadas as contribuições e pesquisas nas diversas áreas da Geografia, Antropologia, Sociologia em toda extensão do Maranhão, que esse estudo possa viabilizar outras pesquisas em diversas abordagens, bem como a problematização em diferentes territórios.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Argus Vasconcelos de. **Espinhela caída**: referências históricas e práticas de cura populares. Recife: EdUFRPE, 2013.
- BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.) **Geografia cultural**: uma antologia I. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Pesquisar-Participar. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. (Org.). **Repensando a Pesquisa Participante**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 7-14.
- CLARINDO, Maximillian Ferreira. **A Geografia da cura e do sagrado**: a resistência das benzedoras no espaço urbano de Ponta Grossa. 2019. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.
- CLARINDO, Maximillian Ferreira. **A Geografia da cura e do sagrado**: a resistência das benzedoras no espaço urbano de Ponta Grossa. 2019. Tese (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.
- CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 3. ed. Florianópolis, SC: Editora da UFSC, 2007.



CUNHA, Calina, Gontijo. **A prática da benzedeira: memória e tradição oral em terras mineiras**. 2018. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem. Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana/MG, 2018.

CUNHA, Lidiane Alves da. ASSUNÇÃO, Luiz Carvalho. **Abençoada cura: poéticas da voz e saberes de benzedeiros**. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 09, n. 27, p. 189-227, jan/abr., 2017.

DEL PRIORE, Mary. **Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino**. In: Del Priore, Mary; Bassanezi, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Trabalho de campo: experimentação intencional de mundos**. In: HISSA, Cassio Eduardo Viana (Org.). **Entrenotas: compreensões de pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **Ainda se benze em Minas Gerais**. In: **Associação Nacional de História ANPUH – XXIV Simpósio Nacional de História**, 2007.

MACIEL, Márcia Regina Antunes; GUARIM NETO, Germano. **Um olhar sobre as benzedeiros de Juruena (Mato Grosso, Brasil) e as plantas usadas para benzer e curar**. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 1, n. 3, 2006.

MARIN, Raquel Cornélio; COMIN, Fabio. **Desfazendo o “Mau-olhado”: Magia, Saúde e Desenvolvimento no Ofício das Benzedeiros**. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Distrito Federal - DF, ISSN 1982- 3703, v. 37 n°2, 2017.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **“Malineza”: um conceito da Cultura Amazônica**. In: BIRMAN, Patrícia et al. (Org.). **O mal à brasileira**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1997.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Eu te benzo, eu livro, eu te curo: nas teias do ritual de benzeção**. **Mneme - Revista de Humanidades**, v. 12, n. 29, 2011.

OLIVEIRA, E. R. **O que é benzeção**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PEREIRA, Caroline Alves. **Entre rezas e Práticas de curas: a presença das Benzedeiros no extremo Sul Catarinense**. 2016. Monografia (Graduação). Curso de História. Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma/SC, 2016.

QUINTANA, Alberto. **A ciência da benzedura: mau olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise**. Bauru: EDUSC, 1999.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A ciência dos Trópicos**. A arte médica no Brasil do século XVII. São Paulo, SP: Hucitec, 1997.

SANTOS, Francimário Vitor dos. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças entre as rezadeiras de Cruzeta/RN**, 2007.



**XV  
ENAN  
PEGE**

ENCONTRO NACIONAL DE  
PÓS-GRADUAÇÃO E  
PESQUISA EM ANTIPOLOGIA



Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-graduação em Antropologia. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Cruzetas, 2007.

